

PHILIP PULLMAN

A Luneta
Âmbar

TRADUÇÃO
Ana Deiró



Copyright © 2000 by Philip Pullman

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Amber Spyglass

Design e ilustração de capa
crushed.co.uk/ Scholastic Ltd.

Preparação
Brena O'Dwyer

Revisão
Geuid Dib Jardim
Laura Victal

Coordenação editorial
Página Viva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pullman, Philip
A luneta âmbar / Philip Pullman ; tradução Ana Deiró.
— 2ª ed. — Rio de Janeiro : Suma de Letras, 2017.

Título original: The Amber Spyglass.
ISBN 978-85-5651-045-7

1. Ficção inglesa I. Título.

17-06050

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/sumadeletrasbr

instagram.com/sumadeletras_br

twitter.com/Suma_BR

Ó falai de sua força, Ó cantai sua graça,
Aquele cujo manto é a luz, cujo dossel é espaço;
Suas carruagens de ira formam grandes nuvens de trovoada,
E escuro é seu caminho nas asas da tormenta.
Robert Grant, *Hymns Ancient and Modern*

Ó estrelas,
não será de vós que nasce o desejo do amante de ver a face
de sua amada? Não virão as visões secretas,
que de suas feições puras ele possui, de puras constelações?
Rainer Maria Rilke, *As Elegias de Duíno*

Finos vapores escapam de tudo que fazem os vivos.
A noite é fria e delicada e cheia de anjos
Esmagando os vivos. As fábricas estão todas iluminadas,
O soar do carrilhão se eleva, sem ser ouvido.
Afinal estamos juntos, ainda que muito distantes.
John Ashbery, *The Ecclesiast*

Sumário

1. A adormecida enfeitiçada	9
2. Balthamos e Baruch	18
3. Comedores de carniça	43
4. Ama e os morcegos	51
5. A torre adamantina	60
6. Absolição antecipada	70
7. Mary, sozinha	82
8. Vodca	95
9. Rio acima	111
10. Rodas	121
11. As libélulas	133
12. A quebra	147
13. Tialys e Salmakia	157
14. Saiba o que é	169
15. A forja	182
16. A nave da intenção	194
17. Óleo e laca	214
18. Os subúrbios dos mortos	228
19. Lyra e sua morte	244
20. A escalada	260
21. As harpias	267
22. Os sussurrantes	283
23. Sem saída	294
24. A sra. Coulter em Genebra	309
25. Saint-Jean-les-Eaux	323
26. O abismo	337
27. A plataforma	349

28. Meia-noite.....	355
29. A batalha na planície	367
30. A montanha nublada	377
31. O fim da Autoridade	386
32. Manhã	402
33. Marzipã.....	416
34. Agora existe	430
35. Além das colinas e muito longe	437
36. A flecha quebrada	453
37. As dunas	463
38. O jardim botânico	481
Agradecimentos	499

1. A ADORMECIDA ENFEITIÇADA

*Enquanto feras atrás de presas,
Saídas de covis nas profundezas,
Espreitavam a donzela adormecida.*

WILLIAM BLAKE

Em um vale sombreado por azaleias, próximo da linha da neve, passava um riacho de águas leitosas com neve derretida espumando, onde pombos e pintarroxos voavam entre os imensos pinheiros. E havia uma caverna com a entrada camuflada pelo rochedo acima e pelas folhas secas e pesadas que se acumulavam abaixo.

A floresta era repleta de sons: das águas do riacho correndo entre as pedras, do vento entre as folhas alongadas dos galhos de pinheiro, do zumbido dos insetos e dos guinchos de pequenos mamíferos habitantes das árvores, bem como do cantar de passarinhos; e, de tempos em tempos, uma lufada mais forte de vento fazia com que um dos galhos de um cedro ou de um abeto roçasse contra outro e gemesse como um violoncelo.

Era um lugar claro e ensolarado, nunca monótono; raios de claridade dourada-limão penetravam até o solo da floresta entre retângulos e círculos de sombra verde-acastanhados, e a luz estava sempre mudando, porque a névoa que passava com frequência flutuava em meio às copas das árvores, filtrando todos os raios de sol até adquirirem um brilho perolado e salpicando cada cone de pinheiro com gotículas de umidade que cintilavam quando a névoa se desfazia. Às vezes a umidade nas nuvens se condensava formando pequenas gotas, metade neblina, metade chuva, que desciam flutuando em vez de cair, fazendo um ruído

suave como um tamborilar farfalhante entre os milhares de folhas pontiagudas dos pinheiros.

Havia um caminho estreito junto ao riacho, que levava de uma aldeia — algumas poucas cabanas de pastores —, na entrada do vale, até um santuário, semiarruinado, próximo ao topo da geleira, um lugar onde bandeiras de seda esvoaçavam sob o vento contínuo que vinha das altas montanhas e oferendas de bolos de cevada e chá seco eram deixadas pelos fiéis aldeões. Um estranho efeito da luz, do gelo e do vapor, fazia com que a parte mais alta do vale ficasse envolta em eternos arco-íris.

A caverna ficava um pouco mais acima nessa estradinha. Muitos anos antes, morara ali um homem religioso, meditando, jejuando e orando, e o local ainda era venerado em sua memória. Tinha trinta metros de profundidade, mais ou menos, com o solo bem seco: um abrigo ideal para um urso ou para um lobo, mas havia anos que apenas pássaros e morcegos moravam ali.

Mas o vulto agachado logo após a entrada, os olhos negros atentos vigiando um lado e depois o outro, as orelhas pontudas levantadas, não era um pássaro nem um morcego. A luz do sol descia pesada e forte sobre seu lustroso pelo dourado e as mãozinhas de macaco reviravam uma pinha para lá e para cá, com os dedos fortes, partindo a casca em lascas e raspando as nozes adocicadas.

Atrás dele, no escuro, um pouco além do ponto iluminado pelo sol, a sra. Coulter aquecia água em uma panelinha sobre um fogareiro a nafta. Seu daemon macaco emitiu um murmúrio de advertência, e a sra. Coulter levantou a cabeça.

Uma menina da aldeia vinha pelo caminho da floresta. A sra. Coulter sabia quem era: Ama vinha lhe trazendo comida já há alguns dias. Logo ao chegar, a sra. Coulter fizera circular a notícia de que era uma mulher religiosa, dedicada a meditações e preces, que fizera um voto de jamais falar com um homem. Ama era a única pessoa cujas visitas aceitava receber.

Dessa vez, contudo, a menina não estava sozinha. Seu pai vinha com ela e, enquanto Ama subia até a caverna, ele esperou, mantendo alguma distância.

Ama chegou à entrada da caverna e fez uma reverência.

— Meu pai me pediu que viesse trazendo preces a sua boa saúde — disse.

— Seja bem-vinda, criança — respondeu a sra. Coulter.

A menina trazia uma trouxa embrulhada em um tecido de algodão desbotado, que colocou aos pés da sra. Coulter. Então estendeu um raminho de flores, cerca de uma dúzia de anêmonas amarradas com um fio de algodão, e começou a falar rápida e nervosamente. A sra. Coulter compreendia um pouco da língua daquela gente da montanha, mas nunca permitiria que percebessem o quanto. De modo que sorriu e fez um gesto para que a menina se calasse e para que observassem seus daemons. O macaco dourado estava estendendo a mãozinha negra e o daemon borboleta de Ama esvoaçou, chegando cada vez mais perto, até pousar no caloso dedo indicador.

O macaco o aproximou lentamente de sua orelha, e a sra. Coulter sentiu uma corrente de compreensão fluir em sua mente, esclarecendo as palavras da menina. Os aldeões estavam felizes que uma santa mulher religiosa como ela estivesse abrigada na caverna, mas havia rumores de que não estava sozinha, diziam que estava acompanhada de outra mulher, que era muito poderosa e de alguma forma perigosa.

Era por isso que os aldeões estavam assustados. Seria aquele outro ser mestra da sra. Coulter ou sua criada? Teria a intenção de fazer mal? Por que estava ali, para começar? Pretendia ficar muito tempo? Ama transmitiu essas perguntas com muito receio.

Uma resposta totalmente nova ocorreu à sra. Coulter, à medida que a compreensão do daemon foi penetrando em sua mente. Ela podia contar a verdade. Não toda, naturalmente, mas parte. Estremeceu ao conter a vontade de rir diante da ideia, e controlou muito bem sua voz quando explicou:

— Sim, há outra pessoa comigo. Mas não há motivo para ter medo. É minha filha e ela foi vítima de um feitiço que fez com que adormecesse. Viemos aqui para nos esconder do feiticeiro que a deixou desse jeito, eu a estou protegendo e tentando achar um antídoto para o encantamento. Venha ver, se quiser.

Ama ficou parcialmente tranquilizada pela voz suave da sra. Coulter, mas ainda estava com medo; e toda aquela conversa sobre feiticeiros e feitiços era um pouco assustadora. Mas o macaco dourado estava segurando seu daemon com tamanha gentileza e, além disso, estava tão curiosa, que seguiu a sra. Coulter até o interior da caverna.

O pai de Ama, que esperava mais abaixo no caminho, deu um passo

adiante, e seu daemon corvo levantou as asas uma ou duas vezes, mas ficou onde estava.

A sra. Coulter acendeu uma vela, porque a luz do dia estava diminuindo rapidamente, e conduziu Ama até o fundo da caverna. Os olhos da garotinha faiscavam, arregalados, na semiobscuridade, e suas mãos se moviam, repetindo o gesto de esfregar o indicador no polegar, o indicador no polegar, para afastar o perigo confundindo os maus espíritos.

— Está vendo? — perguntou a sra. Coulter. — Ela não pode fazer mal a ninguém. Não há motivo para ter medo.

Ama olhou para a pessoa no saco de dormir. Era uma menina, um pouco mais velha que ela, talvez três ou quatro anos; e tinha cabelos de uma cor que Ama nunca vira antes — um tom ocre, amarelo-tostado como o pelo de um leão. Seus lábios estavam bem fechados, comprimidos, e ela estava profundamente adormecida, não havia dúvida quanto a isso, pois seu daemon estava deitado, enroscado em seu pescoço e inconsciente. Ele tinha a forma de um animal parecido com um mangusto, mas de cor vermelho-dourada e menor. O macaco dourado estava alisando carinhosamente o pelo entre as orelhas do daemon adormecido e, enquanto Ama observava, a criatura-mangusto mexeu-se incomodada e emitiu um pequeno miado rouco. O daemon de Ama, agora na forma de um camundongo, se apertou contra o pescoço da menina e espiou assustado entre seus cabelos.

— Então, você pode contar a seu pai o que viu — prosseguiu a sra. Coulter. — Não há nenhum espírito mau. Apenas minha filha, adormecida por causa de um feitiço e de quem estou cuidando. Mas por favor, Ama, diga a seu pai que isso tem que ser mantido em segredo. Ninguém, a não ser vocês dois, pode saber que Lyra está aqui. Se o feiticeiro souber onde ela está, virá até aqui para destruir minha filha, a mim e a tudo que estiver nas vizinhanças. Por isso, trate de guardar segredo! Conte a seu pai e a mais ninguém.

Ela se ajoelhou junto a Lyra e afastou o cabelo úmido do rosto da menina adormecida antes de se inclinar para beijar a face de sua filha. Então levantou a cabeça, com uma expressão triste e carinhosa no olhar, e sorriu para Ama com tamanha bravura e compaixão que a garotinha sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

A sra. Coulter pegou a mão de Ama, enquanto iam voltando para a

entrada da caverna, e viu o pai da menina observando cheio de ansiedade lá de baixo. A mulher juntou as mãos e inclinou a cabeça para ele em um cumprimento, que ele respondeu com alívio, enquanto sua filha, depois de fazer uma mesura para a sra. Coulter e para a menina enfeitada, deu meia-volta e desceu correndo pela encosta sob a luz do crepúsculo. Pai e filha inclinaram a cabeça mais uma vez em direção à caverna, em um cumprimento respeitoso, e se foram, desaparecendo em meio às sombras das árvores.

A sra. Coulter foi na direção do fogareiro e da água, que estava quase fervendo.

Ela se abaixou e esmigalhou algumas folhas secas sobre a água, tirando duas pitadas de um saquinho, uma pitada de outro, e acrescentou três gotas de um óleo amarelo-claro. Mexeu rapidamente a mistura, contando silenciosamente até terem se passado cinco minutos. Então tirou a panela do fogo e se sentou para esperar que o líquido esfriasse.

Espalhada ao seu redor estava parte da equipagem que havia trazido do acampamento próximo ao lago azul, onde sir Charles Latrom havia morrido: um saco de dormir, uma mochila com mudas de roupas, produtos de limpeza e assim por diante. Também havia uma valise de lona com uma armação resistente de madeira, acolchoada com paina, contendo vários instrumentos; e uma pistola em um coldre.

A infusão esfriou depressa no ar rarefeito e, tão logo atingiu a temperatura ambiente, ela a colocou cuidadosamente em uma taça de metal de boca larga e a levou até o fundo da caverna. O daemon macaco largou a pinha e a acompanhou.

Cuidadosamente, a sra. Coulter colocou a taça sobre uma rocha e se ajoelhou junto de Lyra. O macaco dourado se abaixou ao lado dela, pronto para agarrar Pantalaimon, se este acordasse.

O cabelo de Lyra estava úmido, seus olhos se moviam atrás das pálpebras cerradas. Ela estava começando a despertar: a sra. Coulter tinha sentido seus cílios se moverem quando a beijara e sabia que não dispunha de muito tempo antes que Lyra acordasse totalmente.

Deslizou uma das mãos sob a cabeça da menina e com a outra afastou as mechas úmidas de cabelo de sua testa. Os lábios de Lyra se entreabriram e ela gemeu baixinho; Pantalaimon se aconchegou mais junto de seu peito.

Os olhos do macaco dourado permaneciam fixos no daemon de Lyra e seus pequeninos dedos negros repuxavam a beirada do saco de dormir.

Depois de um olhar da sra. Coulter, ele largou o saco de dormir e se afastou um palmo. A mulher levantou a filha com delicadeza de modo que seus ombros saíssem do chão e a cabeça pendeu ligeiramente para trás. Então Lyra respirou fundo e seus olhos se entreabriram, piscando pesadamente.

— Roger — murmurou. — Roger... onde você está... não consigo ver...

— Shh — sua mãe sussurrou —, shh, minha querida, beba isso.

Levando a taça até a boca de Lyra, ela a inclinou para deixar que uma gota umedecesse os lábios da menina. A língua de Lyra percebeu isso e se moveu para lambê-los, e então a sra. Coulter deixou que um pouco mais do líquido pingasse em sua boca, com muito cuidado, esperando que ela engolisse cada gole antes de lhe dar mais.

Vários minutos se passaram, mas finalmente a taça ficou vazia e a sra. Coulter tornou a deitar a filha. Tão logo a cabeça de Lyra repousou no chão, Pantalaimon voltou a se acomodar em volta de seu pescoço. Seu pelo vermelho-dourado estava tão úmido quanto os cabelos de Lyra. Ambos estavam profundamente adormecidos de novo.

O macaco dourado foi saltitando graciosamente até a entrada da caverna e se sentou, mais uma vez vigiando o caminho. A sra. Coulter umedeceu um pedaço de pano em uma bacia de água fria e passou no rosto de Lyra; depois, abriu o saco de dormir e lavou seus braços, pescoço e ombros, para aliviar o calor. Então pegou um pente e com delicadeza desembaraçou o cabelo de Lyra, afastando-o da testa e arrumando-o cuidadosamente.

Ela deixou o saco de dormir aberto para que ficasse mais fresco para Lyra e abriu a trouxa que Ama havia trazido: algumas bisnagas achatadas de pão, um retângulo de chá prensado e um pouco de arroz grudento embrulhado em uma folha larga. Estava na hora de acender a fogueira. O ar nas montanhas ficava muito frio durante a noite. Trabalhando metodicamente, ela cortou alguns pedaços de lenha, preparou a fogueira e acendeu com um fósforo. Aquilo era outra coisa a respeito da qual teria que pensar: os fósforos estavam acabando e a nafta para o fogareiro também; teria que manter a fogueira acesa dia e noite, dali em diante.

Seu daemon estava aborrecido. Não estava de acordo com aquela si-

tuação e quando tentou manifestar sua preocupação ela não lhe deu atenção. Ele se afastou, o desprezo evidente em cada linha de seu corpo enquanto continuava a descascar pinhas na escuridão. Ela não ligou e continuou a trabalhar atenta e habilmente para aumentar o fogo e preparar uma panela para esquentar água e fazer um chá.

Mesmo assim, o ceticismo dele a afetava e, enquanto ia desmanchando repetidamente o chá prensado na água, perguntou-se o que estava fazendo e se teria enlouquecido e o que aconteceria quando a Igreja descobrisse. O macaco dourado tinha razão. Ela não estava apenas escondendo Lyra: estava tentando enganar a si mesma.

Saindo da escuridão o garotinho veio, esperançoso e assustado, sussurrando sem parar:

— Lyra, Lyra, Lyra...

Atrás dele havia outros vultos, ainda mais indistintos, ainda mais silenciosos. Pareciam ser de um mesmo grupo e do mesmo tipo, mas não tinham rostos que fossem visíveis ou vozes que falassem; e a voz do garotinho se elevou um pouco acima de um sussurro e seu rosto ficou sombreado e borrado como algo semiesquecido.

— Lyra... Lyra...

Onde eles estavam?

Em uma grande planície onde nenhuma luz brilhava no céu escuro cor de chumbo e onde uma neblina obscurecia o horizonte em todas as direções. O solo era de terra nua, socada e achatada por milhões de pés, embora esses pés tivessem menos peso que penas; então deveria ter sido o tempo que o deixara daquele jeito, embora o tempo tivesse parado naquele lugar; sinal de que as coisas deviam ser assim mesmo. Aquele era o fim de todos os lugares e o último de todos os mundos.

— Lyra...

Por que estavam ali?

Eram prisioneiros. Alguém havia cometido um crime, embora ninguém soubesse qual, quem o havia cometido, nem que autoridade o havia julgado.

Por que o garotinho continuava a chamar pelo nome de Lyra?

Esperança.

Quem eram eles?

Fantasmas.

E Lyra não conseguia tocar nenhum deles, por mais que tentasse. Sem direção, suas mãos se moviam procurando, tateando, de um lado para outro, e o garotinho continuava parado ali suplicando.

— Roger — chamou ela, mas sua voz saiu em um sussurro. — Ah, Roger, onde está você? O que é este lugar?

— É o mundo dos mortos, Lyra — respondeu ele. — Não sei o que fazer, não sei se estou aqui para sempre e não sei se fiz coisas más ou o quê, porque tentei ser bom, mas detesto estar aqui, estou com medo de tudo isso, detesto...

E Lyra disse:

— Eu

2. BALTHAMOS E BARUCH

*Então um espírito passou diante de mim;
fez-me arrepiar os cabelos da minha carne.*

LIVRO DE JÓ

— Fiquem calados — disse Will. — Apenas tratem de ficar calados. Não me perturbem.

Foi logo depois de Lyra ter sido levada, logo depois de Will ter descido do topo da montanha, logo depois de a feiticeira ter matado seu pai. Will acendeu a lamparina de latão que havia tirado da bolsa do pai, usando os fósforos que havia encontrado, e se agachou na reentrância do rochedo para abrir a mochila de Lyra.

Ele tateou lá dentro com a mão boa e encontrou o pesado aletímetro embrulhado no veludo. O instrumento brilhou sob a luz da lamparina e Will o estendeu na direção dos dois vultos que estavam a seu lado, vultos que diziam ser anjos.

— Sabem ler isso? — perguntou.

— Não — disse uma voz. — Venha conosco. Precisa vir. Venha agora, vamos levar você a lorde Asriel.

— Quem mandou vocês seguirem meu pai? Disseram que ele não sabia que estava sendo seguido. Mas ele sabia — disse em tom feroz. — Ele me avisou que vocês apareceriam. Sabia mais coisas do que imaginavam. Quem enviou vocês?

— Ninguém nos enviou. Apenas nós mesmos — veio a voz. — Queremos servir lorde Asriel. E o homem morto, o que *ele* queria que você fizesse com a faca?

Will hesitou.

— Ele disse que eu deveria levar a faca para lorde Asriel — admitiu.

— Então venha conosco.

— Não. Não enquanto eu não encontrar Lyra.

Ele dobrou o veludo sobre o aletiómetro e o enfiou em sua bolsa de lona. Uma vez seguro de que estava bem guardado, pôs a mochila no ombro, enrolou-se no pesado manto que fora de seu pai para se proteger da chuva e ficou agachado onde estava, olhando com firmeza para as duas sombras.

— Vocês dizem a verdade? — perguntou.

— Sim.

— Então são mais fortes ou mais fracos que seres humanos?

— Mais fracos. Vocês têm carne de verdade, nós não. Apesar disso, você tem que vir conosco.

— Não. Se sou mais forte, vocês têm que me obedecer. Além disso, eu tenho a faca. Sendo assim, estou no comando: me ajudem a encontrar Lyra. Não me importa quanto tempo vai levar, primeiro vou achar Lyra e *depois* irei ver lorde Asriel.

Os dois vultos ficaram em silêncio durante vários segundos. Então, se afastaram um pouco e conversaram entre si, mas Will não conseguiu ouvir nada do que diziam.

Finalmente se aproximaram de novo e disseram:

— Muito bem. Você está cometendo um erro, embora não nos deixe opção. Vamos ajudar você a encontrar essa criança.

Will forçou os olhos, tentando penetrar a escuridão para ver seus acompanhantes mais claramente, mas a chuva o impediu.

— Cheguem mais perto para que eu possa ver vocês.

Eles se aproximaram, mas as imagens não ficaram mais nítidas.

— Verei vocês melhor à luz do dia?

— Não, pior. Não somos de uma hierarquia muito elevada entre os anjos.

— Bem, se eu não consigo ver vocês, mais ninguém vai conseguir, o que quer dizer que podem se manter escondidos. Vejam se conseguem descobrir para onde levaram Lyra. Ela com certeza não pode estar muito longe. Havia uma mulher, deve estar com ela, foi a mulher que levou Lyra. Andem, tratem de procurar e voltem para me contar o que descobrirem.

Os anjos se elevaram no ar em meio à tempestade e desapareceram. Will sentiu uma grande e pesada melancolia se apoderar dele; já estava quase sem forças antes da luta com seu pai e agora se sentia completamente esgotado. Tudo o que queria era fechar os olhos que estavam pesados e doloridos de tanto chorar.

Puxou o manto sobre a cabeça, abraçou a mochila de lona e adormeceu imediatamente.

— Não estão em lugar nenhum.

Will ouviu isso das profundezas do sono e se esforçou para acordar. Finalmente (e levou mais de um minuto, porque estava profundamente adormecido) conseguiu abrir os olhos para a manhã clara que tinha diante de si.

— Onde estão vocês?

— Ao seu lado — respondeu o anjo. — Deste lado.

O sol havia acabado de nascer e as rochas, os líquens e os musgos que as cobriam cintilavam frescos e brilhantes sob a luz da manhã, mas ele não conseguia ver os vultos em lugar nenhum.

— Eu disse que seria mais difícil nos ver à luz do dia — continuou a voz. — Você vai nos ver melhor à meia-luz, no crepúsculo ou no raiar da manhã; a escuridão também é uma boa situação; e a pior é sob a luz do sol. Meu companheiro e eu procuramos mais abaixo na montanha e não encontramos nem a mulher nem a criança. Mas há um lago de água azul onde ela deve ter acampado. Tem um homem morto lá e uma feiticeira comida por um Espectro.

— Um homem morto? Como ele é?

— Parece ter uns sessenta anos. Corpulento e de pele lisa. Cabelos grisalhos. Vestia roupas caras e havia vestígios de um perfume forte ao redor dele.

— Sir Charles — disse Will. — Esse que descreveu é sir Charles. A sra. Coulter deve ter matado ele. Bem, pelo menos isso é uma boa notícia.

— Ela deixou pistas. Meu companheiro as seguiu e voltará quando tiver descoberto para onde ela foi. Eu vou ficar com você.

Will levantou e olhou em volta. A tempestade tinha limpado a atmos-

fera, e a manhã estava fresca e clara, o que apenas tornava o cenário ao seu redor mais perturbador e aflitivo; pois nas proximidades jaziam os corpos de várias das feiticeiras que haviam escoltado Will e Lyra até o local de encontro com seu pai. Um corvo comedor de carniça, de bico brutal, já estava atacando o rosto de uma delas e Will podia ver um pássaro maior voando em círculos mais acima, como se estivesse escolhendo a mais apetitosa.

Will examinou os corpos, um de cada vez, mas nenhum deles era o de Serafina Pekkala, a rainha do clã de feiticeiras e amiga pessoal de Lyra. Então lembrou: ela não tinha partido de repente, para cuidar de outra tarefa, não muito antes do anoitecer?

Talvez ainda estivesse viva. Aquele pensamento o alegrou; Will vasculhou o horizonte em busca de algum sinal dela, mas só havia céu azul e rochas pontiagudas em todas as direções.

— Onde você está? — perguntou ao anjo.

— Ao seu lado — veio a voz —, como sempre.

Will olhou para a esquerda, de onde vinha a voz, mas não viu nada.

— Então ninguém pode ver você. Alguma outra pessoa poderia ouvir você tão bem quanto eu?

— Não se eu sussurrar — respondeu o anjo em tom ríspido e rabugento.

— Qual é o seu nome? Vocês têm nomes?

— Temos. Meu nome é Balthamos. O de meu companheiro é Baruch.

Will refletiu sobre o que fazer. Quando se escolhia um caminho dentre muitos, todos os caminhos que não eram seguidos se apagavam como velas, como se nunca tivessem existido. Naquele momento, todas as escolhas de Will existiam simultaneamente. Mas fazer com que todas elas continuassem existindo significava não fazer nada. Ele tinha que escolher, não tinha jeito.

— Vamos descer a montanha outra vez — decidiu. — Vamos até o lago. Pode ser que haja alguma coisa por lá que eu possa aproveitar. E, de qualquer maneira, estou ficando com sede. Vou seguir um caminho que acho que vai até lá e você pode me guiar se eu estiver errado.

Só quando já estava andando havia vários minutos, descendo pela encosta rochosa sem nenhuma trilha, foi que Will se deu conta de que sua mão não estava mais doendo. Na verdade, não tinha pensado no ferimento desde que acordara.

Will parou e examinou a atadura de linho que seu pai havia feito em volta de sua mão, depois da luta. Estava melada com o unguento que ele havia espalhado sobre os ferimentos, mas não havia nenhum sinal de sangue, e, depois dos sangramentos incessantes que ele tinha sofrido desde que perdera os dedos, aquilo era tão bom que sentiu o coração quase saltar de alegria.

Experimentou mexer os dedos. Era verdade que os ferimentos ainda doíam, mas era um tipo diferente de dor: não aquela dor profunda, que o consumia e engolia a vida, do dia anterior, mas uma sensação menor, mais entorpecida. Parecia que estava se curando. O pai dele tinha feito isso. O encantamento das feiticeiras tinha fracassado, mas seu pai o havia curado.

Então continuou a descer pela encosta, se sentindo mais animado.

Foram necessárias três horas e várias palavras de orientação até que chegasse ao pequeno lago azul. Quando afinal o alcançou, estava morto de sede, e, sob o sol forte, o manto lhe pareceu pesado e quente, embora sentisse falta de sua proteção depois que o tirou, pois seus braços e o pescoço nus ardiavam. Largou o manto e a mochila no chão e correu os últimos metros até a água, mergulhando nela o rosto sedento e bebendo um gole após outro de água congelante. Estava tão gelada que fez seus dentes e a cabeça doerem.

Quando terminou de beber, levantou a cabeça e ficou sentado olhando o entorno. Não estivera em condições de reparar em coisa alguma no dia anterior, mas agora via mais claramente a cor intensa da água e ouvia os ruídos estridentes dos insetos por toda parte.

— Balthamos?

— Sempre aqui.

— Onde está o homem morto?

— Depois daquele pedregulho alto, à sua direita.

— Há Espectros por aqui?

— Não, nenhum.

Will pegou a mochila e o manto e foi contornando o lago, seguindo pela beira, depois subiu até o pedregulho que Balthamos tinha indicado.

Atrás dele um pequeno acampamento havia sido montado, com cinco ou seis tendas e os restos de fogueiras para cozinhar. Will se aproximou com cuidado, caso alguém ainda estivesse vivo e escondido.

Mas o silêncio era profundo, com o ruído dos insetos apenas arranhando

do sua superfície. As tendas estavam desertas, a água do lago plácida, com ondulações ainda se espalhando lentamente em círculos a partir de onde ele havia bebido. Um lampejo de movimento verde próximo a seu pé o sobressaltou por um instante, mas era apenas um minúsculo lagarto.

As tendas eram feitas de tecido de camuflagem, o que as realçava ainda mais, em meio às rochas vermelhas e desbotadas. Examinou o interior da primeira tenda e viu que estava vazia. A segunda também, mas na terceira encontrou objetos de valor: uma lata de comida e uma caixa de fósforos. Também havia uma tira de alguma substância escura, do mesmo comprimento e largura que seu antebraço. Primeiro, pensou que fosse couro, mas, examinando sob a luz do sol, ele percebeu que era carne-seca.

Bem, afinal, ele tinha uma faca. Cortou um pedaço fino e descobriu que era meio dura de mastigar e ligeiramente salgada, mas cheia de sabor e deliciosa. Colocou a carne e os fósforos junto com a lata na mochila e revistou as outras tendas, mas estavam vazias.

Deixou a maior por último.

— É lá que está o homem morto? — perguntou para o ar.

— É — respondeu Balthamos. — Ele foi envenenado.

Will caminhou cautelosamente até a entrada da tenda, que dava para o lago. Caído ao lado de uma cadeira de lona virada estava o corpo do homem conhecido no mundo de Will como sir Charles Latrom e no mundo de Lyra como lorde Boreal, o homem que havia roubado o aletíômetro de Lyra, roubo que, por sua vez, tinha conduzido Will ao encontro da faca sutil. Sir Charles havia sido hipócrita, desonesto e poderoso, e agora estava morto. O rosto dele estava distorcido de maneira desagradável, e Will não queria olhar, mas uma espiada rápida no interior da tenda revelou que ali havia um bocado de coisas para roubar, então passou por cima do corpo para analisar melhor.

Seu pai, o soldado, o explorador, teria sabido exatamente o que levar. Will tinha que adivinhar. Pegou uma pequena lupa em um estojo de metal, porque poderia ser usada para acender fogueiras e economizar os fósforos; um carretel de barbante bem resistente; um cantil de liga de metal, muito mais leve do que o recipiente de pele de cabra que estivera carregando, e uma pequena caneca de latão; um binóculo pequenino, um cilindro de moedas de ouro do tamanho de um polegar, embrulhado em papel; um kit